

O LEITOR-GEÓGRAFO: FORMAÇÃO LEITORA, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

Ronaldo Santos Costa Junior ¹
Jussara Fraga Portugal ²

RESUMO

O objetivo deste texto é apresentar histórias que compõem a minha trajetória de vida com as narrativas de João Ubaldo Ribeiro, os lugares percorridos e as lembranças das aprendizagens que contribuíram para a construção do objeto da pesquisa, no âmbito dos percursos da escolarização e do processo de formação docente. A tessitura da escrita está ancorada na perspectiva do método autobiográfico e nos princípios da fenomenologia, valorizando a subjetividade e a experiência geográfica, entrelaçando narrativas de história de vida e reminiscências de formação leitora com as narrativas literárias que evocam memórias. A escrita de si, configura-se em um memorial, rememoração de trajetórias de vida pessoal, formativa e profissional. A escrita possui inspiração na pesquisa narrativa, pois chega próximo à coletividade, dos grupos sociais, evidencia as circunstancialidades dos seres-no-mundo, eleva bruscamente o entendimento da experiência como consolidadora da existência. Com isso, a partir da contribuição dos estudos autobiográficos foi possível mobilizar memórias, vivências e percursos que possibilitaram a gestação do objeto de pesquisa, evidenciando travessias, grafando lembranças sobre os modos como o objeto de investigação foi construído.

Palavras-chave: Formação leitora, Memórias, Narrativas autobiográficas.

RESUMEN

El objetivo de este texto es presentar historias que componen mi trayectoria de vida con las narrativas de João Ubaldo Ribeiro, los lugares recorridos y los recuerdos de los aprendizajes que contribuyeron a la construcción del objeto de investigación, en el marco de los itinerarios de la escolaridad y del proceso de formación docente. La tesitura de la escritura está anclada en la perspectiva del método autobiográfico y en los principios de la fenomenología, valorando la subjetividad y la experiencia geográfica, entrelazando narrativas de historia de vida y reminiscencias de formación lectora con las narrativas literarias que evocan memorias. La escritura de sí mismo, se configura en un memorial, recuerdo de trayectorias de vida personal, formativa y profesional. La escritura tiene inspiración en la investigación narrativa, pues llega cerca a la colectividad, de los grupos sociales, evidencia las circunstancialidades de los seres-en-el-mundo, eleva bruscamente la comprensión de la experiencia como consolidadora de la existencia. Con esto, a partir de la contribución de los estudios autobiográficos fue posible movilizar memorias, vivencias y recorridos que posibilitaron la gestación del objeto de investigación, evidenciando travesías, grabando recuerdos sobre los modos como el objeto de investigación fue construido.

Palabras clave: Formación lectora, memorias, narrativas autobiográficas.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) / Universidade Estadual de Londrina (UEL), ronaldo.santos@uel.br;

² Professora titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) / Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet). jportugal@uneb.br.

PERCURSOS INICIAIS

Tropeçavas nos astros desastrada
Quase não tínhamos livros em casa
E a cidade não tinha livreria
Mas os livros que em nossa vida entraram
São como a radiação de um corpo negro
Apontando pra a expansão do Universo
Porque a frase, o conceito, o enredo, o verso
(E, sem dúvida, sobretudo o verso)
É o que pode lançar mundos no mundo.
Caetano Veloso – Livros (1997)

A epígrafe grafada no início desta escrita dá visibilidade à potencialidade da arte literária, compreendida segundo Caetano Veloso, como “objeto transcendente”, no sentido de contemplação dos elementos ficcionais e reais, visões de mundo, sensações e da experiência humana, que permite anúncio do mundo a partir do universo singular e coletivo que as narrativas literárias podem transmitir. Com isso, pode-se escrever sobre as pessoas e os seus lugares, entrelaçar histórias de vida, já que as experiências narradas neste texto foram concebidas mediante o contato com as narrativas de João Ubaldo Ribeiro.

Nesse enfoque, a escolha da letra da canção Livros (Veloso, 1997) evidencia a forma como a literatura revela maneiras de existir, no qual, coloco em questão o modo como foi estabelecido o encontro com o escritor, e as maneiras de relacionar-se com Itaparica de João Ubaldo Ribeiro, que muitas dessas formas são reveladas em suas crônicas.

Assim, ao narrar o indivíduo coloca em cena os modos de ser e estar no mundo, caracteriza seu contexto de vida, evidenciando suas experiências no/do/sobre o seu lugar, no qual é protagonista de enredos que representam trajetórias da própria existência. Sobre essa questão, Meireles (2013, p. 28) aponta que ao “[...] contar a própria história permite a pessoa que narra anunciar-se ao mundo, e, mais que isso, permite que ela anuncie-se a si mesma”. Dessa maneira, uma narrativa sobre si entrelaça lembranças que deixaram marcas, e, quando (re)memoradas, retratam temporalidades, geograficidade e espacialidades do sujeito, apresentando as maneiras de existir “[...] em um mundo espaço-temporal que foi experimentado [...]”. (Dias, 2020, p. 131). Já Portugal (2020, p. 35) sinaliza que “[...] ao narrar, o sujeito tem a possibilidade de refletir sobre suas vivências e experiências, ocorrendo, assim, a oportunidade de reproduzir e/ou reconstruir suas práticas”. Por esse viés, vejo a oportunidade de grafar a minha própria existência no mundo, e a partir desse fato, revelar minha geograficidade, “[...] permitindo uma compreensão fenomenológica da experiência geográfica”. (Marandola Junior, 2015, p. 12).

Este texto é um recorte da pesquisa de mestrado, intitulada “A ensolarada Itaparica: lugares e experiências nas crônicas de João Ubaldo Ribeiro”, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), cujo objetivo principal foi compreender as narrativas do/no e sobre os lugares de Itaparica, e as experiências retratadas nas crônicas de João Ubaldo Ribeiro.

A intencionalidade desta escrita consiste em apresentar histórias que compõem a minha trajetória de vida com as narrativas de João Ubaldo Ribeiro³, os lugares percorridos e as lembranças das aprendizagens que contribuíram para a construção do objeto da pesquisa, no âmbito dos percursos da escolarização e do processo de formação docente. A tessitura da escrita está ancorada na perspectiva do método (auto)biográfico e nos princípios da fenomenologia, valorizando a subjetividade e a experiência geográfica, entrelaçando narrativas de história de vida e reminiscências de formação leitora com as narrativas literárias que evocam memórias – individuais e coletivas – de quem escreve sobre si e sobre o outro, nessa construção interpretativo-compreensiva. Reverberam os momentos, encontros e as circunstâncias que demarcam a presença de literatura em minha vida e, sobretudo, a literatura de João Ubaldo Ribeiro.

Desse modo destaco que o pesquisador inserido nessa metodologia narra suas experiências de leitura e os desdobramentos no ato formativo de pesquisa. Assim, ao conceber o sujeito que narra como protagonista das histórias contadas evidencia os atravessamentos das vivências leitoras demarcando travessias, deslocamentos entre lugares, possibilitando, desse modo, grafias de memórias sobre os modos como o objeto de investigação foi gestado. Meireles (2013, p. 58) assevera que

[...] a pesquisa (auto)biográfica tem se tornando um importante método para pensar questões em torno da pessoa e de sua coletividade, desencadeando situações advindas de experiências individuais vinculadas, de algum modo, a uma experiência social. Assim, o ponto de partida de uma pesquisa (auto)biográfica é sempre a vida do sujeito, uma vida marcada por sucessivos processos inéditos de existência.

Na construção desta escrita conduzo-me para a rememoração das experiências e vivências dos espaço-tempos da escolarização e da formação acadêmica, as quais contribuíram para a composição do geógrafo-leitor. Contemplo também memórias do geógrafo seduzido pelas narrativas de um escritor itaparicano que narra a vida, os lugares e as experiências das pessoas, situa o leitor e o estimula imagetivamente a apreender os espaços vividos e narrados

³ Essa investigação, compõe a pesquisa-âncora “Geo(grafias) em múltiplos contextos territoriais: identidades, memórias e narrativas” e está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet) da UNEB e ao grupo de pesquisa Geo(BIO)grafar: Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores. Financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

pelo cronista. As suas narrativas sobre os lugares de sua vida em Itaparica, transbordam significados e afetos, afloram em mim o sentimento do lugar vivido pelo escritor, ou seja, a partir do momento em que inicio a leitura de suas crônicas, sinto-me também pertencer a esses lugares.

FORMAÇÃO LEITORA, MEMÓRIAS E NARRATIVAS

Compreendendo que a leitura se faz necessária para refletir o homem e a terra, o conhecimento é o artefato construído subjetivamente e objetivamente pelo homem, pelas suas intencionalidades e inquietações, que se perpetua como arma em sua permanência na terra. Nesse devir, fui aos poucos tendo o entendimento de que deveria aprender e refletir sobre o que estava lendo. Nesse recorte memorialístico da formação leitora, o primeiro livro que tive acesso foi “Clara dos Anjos” (Lima Barreto, 1995), este abriu um mundo entres os mundos, ressignificando e fortalecendo minha forma de ler e compreender o lugar a que pertencia. Sobre as obras de Lima Barreto, que se enquadra na fase Pré-Modernista da Literatura,

Em todos os seus romances, percebe-se um traço autobiográfico: suas experiências aparecem transpostas em algumas personagens, principalmente negros e mestiços, que sofrem o preconceito racial. [...] Lima Barreto nos oferece um perfeito retrato dos subúrbios cariocas e de suas populações. (Nicola, 1993, p. 186).

No âmbito da educação básica, a obra “Clara dos Anjos” (Lima Barreto, 1995), cuja narrativa discorre sobre a vida de uma jovem da periferia do estado do Rio de Janeiro, possibilitou-me sentir pertencimento ao meu lugar e fazer uma autorreflexão da minha existência no Subúrbio Ferroviário de Salvador, tendo em vista que “[...] a função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar [...] chama atenção para áreas de experiências que de outro modo passariam despercebidas”. (Tuan, 2013, p. 200). Nesse sentido, ao entrelaçar a geograficidade presente em Clara dos Anjos, tornou-se evidente a minha conexão com o meu lugar de vivência, tornou-se “[...] expressa a relação visceral homem-terra” (Marandola Junior; Oliveira, 2009, p. 494), sendo eu protagonista (personagem) da minha cotidianidade.

O romance de Lima Barreto representava naquela circunstância de cumplicidade e direcionava para o entendimento das minhas experiências/vivências no lugar de onde nasci. Assim, os textos literários, como suporte simbólico-emocional, retiram a opacidade e possibilitam novas concepções e interpretações da noção de identidade. Na ocasião da leitura, questionava: quem somos nós? De onde viemos? (Le bossé, 2013) pois, “[...] a identidade se

exprime e se comunica de maneira interna e externa, através de práticas simbólicas e discursivas”. (Le bossé, 2013, p.162).

Em minha busca por uma identidade leitora enraizada e multifacetada, dei especial atenção ao simbolismo e às reflexões profundas que emergiram ao longo do meu percurso literário. Esta jornada começou com o garimpo das primeiras escolas literárias do Brasil, onde descobri significados e símbolos que ressoaram com meu próprio modo de ser e existir. Essa exploração inicial me conduziu a outros movimentos literários, enriquecendo meu conhecimento e contribuindo significativamente para minha formação como leitor e cidadão.

Nesse período de escolarização, estabeleci contatos significativos para meu processo de formação, tais encontros contribuíram para construção da compreensão da minha existência no mundo, eles demarcam sentimentos viscerais, em um recorte memorialístico no qual se destaca a minha aproximação com as escolas literárias. Devo, antes de narrar essas vivências e experiências, sinalizar que:

[...] memórias e experiências são intimamente imbricadas. A memória colabora na reconstrução das experiências que, por sua vez, alimentam a memória de novas opacidades. Assim, como Larrosa (2002), entendemos que a experiência é elemento de transformação do sujeito, ou seja, só pode ser considerada experiência a vivência/ação que nos transforma. [...] para que a vivência se configure em experiência formativa é preciso que haja um movimento contemplativo de reflexividade. (Almeida, 2010, p. 140).

Quando se reflete sobre a vida e suas circunstâncias/situações, na interface com as escolas literárias brasileiras, há a presença de intersubjetividade (Serpa, 2019), lembranças que foram experienciadas no combinado ser-tempo-espço da constituição dessa comunicação, que marcaram a maneira de ver o mundo e os seres que ocupam esses espaços de multiplicidade. Nesse sentido, lancei-me em busca das leituras de mundos para compreender como esses mundos formam simbolicamente o ser e contribuem para pensar o ser-estar e os outros tantos modos de viver.

Assim, recorro à memória para ressignificação e compreensão da minha geograficidade. Narro o que realmente toca e o que me fez sentir viver a partir das memórias e experiências que emergiram do processo de aprendizagem na educação básica. Com isso, apresento “[...] as experiências, para configurarem em experiências formativas [...] o retorno à memória, à reflexão e à narrativa transforma o teor experiencial em teor formativo”. (Almeida, 2010, p. 140)

Nesse itinerário literário, no âmbito da escolarização, no 9º ano, a Escola literária Arcadismo, cuja características “[...] voltam-se para a natureza em busca de uma vida simples,

bucólica, pastoril. É a procura do *locus amoenus*, de um refúgio ameno em oposição aos centros urbanos monárquicos”. (Nicola, 1993, p. 54, grifo do autor). Sobre as situações experienciadas com as obras vinculadas ao movimento Arcadismo, menciono o livro “Marília de Dirceu” do escritor Tomas Antônio Gonzaga (1992).

Em Gonzaga (1992), o modo de representar uma vida rural não partia da personagem Marília, e sim do seu narrador, seria um pseudônimo, o raciocínio de Marília era o mesmo do seu narrador. Viver como pastor, ordenhar ovelhas e habitar no espaço-tempo instalado no alto de um monte, retratam sua vontade como vivente na terra. Seria também uma contradição, realidade vivida e realidade idealizada, viver como burguês e o querer estabelecer modos de existência camponês.

Durante a leitura do monólogo de Gonzaga (1992), exaltava o desejo de viver os cotidianos de uma vida camponesa, sendo, assim, protagonista da minha própria realidade. No momento da leitura, rememorava lembranças das férias no interior da Bahia, refletia sobre as situações vivenciadas no Bravo, distrito de Serra Preta, marcadas pelas brincadeiras no pasto, banhos de açude e conversas no fim de tarde quando o sol repousava no horizonte.

Neste percurso, destaco a importância da terceira geração de poesia para minha formação como cidadão, geógrafo, professor e pesquisador, por ter poesias que dialogam com dúvidas que estão em mim, sobre os fatos que atravessaram a formação cultural, política e social do Brasil e, assim, “[...] a imagem que a leitura do poema nos oferece faz-se verdadeiramente nossa. Enraíza-se em nós mesmos” (Bachelard, 1998, p. 7), permite uma autorreflexão como agente transformador do espaço e, também, como sujeito que estabelece lugaridade e territorialidade, a questionar, como Castro Alves, “donde vem? Aonde vai? Das naus errantes, quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?”.⁴ Essas naus constituíram em mim firmamentos, compreensões, autoconhecimento e identidade. Bachelard (1988, p. 6) aponta que:

Essa tomada do ser pela poesia tem uma marca fenomenológica que não engana. A exuberância e a profundidade de um poema são sempre fenômenos da dupla: ressonância-repercussão. Parece que, por sua exuberância, o poema desperta profundezas em nós.

A “imagem de mundo” (Sousa, 2015), que é construída pela visão que os poetas e escritores têm a partir dos seus lugares, pode ser examinada a partir dos lirismos e poéticas presentes no poema de Manuel Bandeira⁵, que possibilitaram o estímulo imagético sobre os

⁴ Trecho do poema “Navio negreiro” de Castro Alves (1993).

⁵ A poética de Manuel Bandeira é um bom exemplo de modelo da estética modernista, ele utiliza de linguagem cotidiana para ressaltar a negação dos valores poéticos passados com o intuito de promover uma renovação na mente artística.

fatos e espaços que integraram o movimento de 1922, e une os fios de um país em evolução cultural e que se inclina também à realidade vivida por um jovem em formação no Subúrbio Ferroviário de Salvador em busca de compreensões.

GEÓGRAFO-LEITOR: UM ENCONTRO COM O ESCRITOR

Uma pesquisa que possui inspiração na pesquisa narrativa chega próximo à coletividade, aos grupos sociais, evidencia as circunstancialidades dos seres-no-mundo, eleva bruscamente o entendimento da experiência como consolidadora da existência, pois falar sobre si, demarca objetivamente e subjetivamente fatos, acontecimentos, situações e condições que estão perpetuados nas memórias, ressignificando a existência.

Já no âmbito da formação docente, a identificação sobre a interface Literatura-Geografia, aflora no componente Comunicação e Informação, existia o interesse investigativo da professora, pois pesquisava a vida e obra de João Ubaldo Ribeiro. Assim, começo a correlacionar as “imagens de mundo” dos escritores com as minhas, começo a ver sob outra perspectiva as obras literárias e noto a partir daí suas geografias literárias, e suas geografias vividas.

O contato com a Geografia de João Ubaldo Ribeiro foi mediante a afetividade que era revelada pelos olhos e gestos da professora e a partir do modo singular de revelar a geograficidade ubaldiana, pois nem todos tinham conhecimento do escritor, eu mesmo nunca tinha ouvido falar, nem de seus livros, crônicas e contos, mas ao mencionar como era composta a sua obra, começo a me interessar imediatamente.

Ao ir à biblioteca do IFBA, com a intenção de fazer consultas sobre a literatura de Ubaldo, entre os milhares de livros, encontro um exemplar do livro “De Itaparica ao Leblon” (2011), contendo várias crônicas. Quando começo a ler as crônicas, emergiam vários conceitos e temas, e penso: o que seria uma crônica? Pesquiso a definição, tinha como características elementos reais e ficcionais, e o cotidiano representava o foco principal da narrativa.

Durante a leitura percebi que o escritor narrar as experiências com os lugares de sua vida, Ubaldo descrevia as características e nomes das personagens, cujas histórias e fazeres contribuíam com as narrativas. A partir desse entendimento, sinto vontade de ir no lugar íntimo, experienciado, repleto de significado para o escritor, a cidade de Itaparica (BA). O interesse surgiu mediante o que foi percebido sobre os lugares narrados e as marcas impressas nos seus cotidianos.

A partir do contato com a obra de Ubaldo, e de suas crônicas, cujo os enredos abordam sobre os cotidianos dos lugares da cidade de Itaparica, emerge o interesse em conhecer este lugar. Fui à Itaparica foi uma jornada para vivenciar os lugares e cotidianos tão vividamente descritos nas crônicas. Ao sentir a brisa marítima, lembro das palavras do autor, que para o itaparicano, simboliza 'a radioatividade', um elemento crucial na crônica 'A problemática da radioatividade'. Esta obra ilustra a profunda conexão entre os habitantes de Itaparica e sua terra, destacando as formas peculiares de existência na ilha.

Neste percurso, por meio das vivências nas aulas e outras atividades do mencionado componente curricular, comecei a ter certeza do caminho a seguir. Fui seduzido pela literatura ubaldiana. Nesse contexto, foi possível escrever um artigo sobre algumas crônicas de João Ubaldo Ribeiro, articulando com elementos da ciência geográfica. Desde o primeiro período de estudos no Instituto Federal da Bahia, ao ter contato com a literatura ubaldiana, enxergava-me nas suas escritas por retratar com suavidade os lugares e a ligação do ser com o lugar, mais especificamente o baiano que se constitui no litoral, suas ligações afetivas e o pertencimento que são revelados na apropriação dos espaços vividos.

Em conformidade com as teorias de Mikhail Bakhtin sobre cronotopia, esses espaços, que foram cenários da vida do autor e fonte de inspiração para suas histórias, transformam-se em personagens vivos. Essa noção bakhtiniana nos permite compreender como os lugares não são apenas pano de fundo, mas atores ativos na narrativa, onde emergem experiências existenciais significativas. Eles simbolizam a circunstancialidade do ser-no-mundo, um aspecto que Bakhtin considerava essencial na interação entre espaço, tempo e experiência humana nas obras literárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da contribuição dos estudos autobiográficos foi possível mobilizar memórias, vivências e percursos que possibilitaram a gestação do objeto de pesquisa, ao evocar a subjetividade, as histórias que demarcam o encontro com o mais ilustre filho da Ilha de Itaparica, evidenciando travessias, grafando lembranças sobre os modos como o objeto de investigação foi construído. Assim, mediante a essas perspectivas teórico-metodológicas, busquei apreender o modo como Ribeiro concebe, experimenta e narra as vivências nos lugares de Itaparica em suas crônicas.

Rememorar uma trajetória de formação leitora marcada pela presença de João Ubaldo Ribeiro, possibilita (re)viver os caminhos trilhados e as situações experienciadas, ao mesmo

tempo, referenciá-los e colocá-los em reflexão. E, nesse processo de narração, reflito sobre os percursos, as travessias e as decisões para ressignificar a minha condição no mundo e evidencio os caminhos que me levaram até aqui e que propuseram meios de pensar os espaços da vida e as experiências dos seres no mundo por meio dos textos literários.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Verônica Domingues. Memórias, experiência(s) e formação: uma tríade multirreferencial. In: CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). **Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: Edufba, 2010. p. 131-150.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. BARRETO, Lima. Clara dos Anjos. Rio de Janeiro: Klick Ed., 1995.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. Rio de Janeiro: Klick Ed., 1995.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. A geograficidade por meio da narrativa e memórias de múltiplos tempos e lugares. In: PORTUGAL, Jussara Fraga (org.). **Geografias Literárias: escritos, diálogos e narrativas**. Salvador: Edufba, 2020. p. 125-144.

GONZAGA, Tomás Antônio. **Marília de Dirceu**. Edição do bicentenário (1792-1992). Prefácio e notas de Melânia Silva Aguiar. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1992.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em geografia cultural: Algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 221-236.

LIVROS. Intérprete: Caetano Veloso. In: **LIVRO**. Intérprete: Caetano Veloso. [S. l.: s. n.], 1997. (4 min). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/81628/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; OLIVEIRA, Livia. Geograficidade e espacialidade na Literatura. **Geografia**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/download/4795/3949>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MEIRELES, Mariana Martins de. **Macabéas às vessas: trajetórias de professoras de Geografia da cidade na roça – narrativas sobre docência e escolas rurais**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

NICOLA, José de. **Literatura Brasileira das origens aos nossos dias**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

PORTUGAL, Jussara Fraga. As pequenas memórias dos lugares e seu cotidiano: Geografia, Literatura e Autobiografia. In: PORTUGAL, Jussara Fraga (org.). **Geografias Literárias: escritos, diálogos e narrativas**. Salvador: Edufba, 2020. p. 23-57.

SERPA, Ângelo. **Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 2019.

SOUSA, André Nunes. A descrição espacial como método e representação da geografia: a imaginação e a representação histórica do espaço. In: RIOS, Ricardo Bahia; RIOS, Kássia Aguiar Norberto (org.). **Diferentes abordagens teóricas-metodológicas na Geografia: contribuição para novas direcionamentos**. São Paulo: Ed. Livre Expressão, 2015. p. 19-35.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: EdUEL, 2013.